VI ANNO. TERÇA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 1866. N.º 518

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada número avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador, estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs.

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

Politica interna

BOLETIM

Em ambas as casas do parlamento proseguem os debates sobre os dois projectos do governo — liberdade de imprensa e novação do contrato das linhas ferreas de sul e sueste.

Na sessão de sabbado, na camara electiva, onde se acha em discussão o projecto sobre a imprensa, fallou o sr. Vieira de Castro, que é, sem duvida, um dos oradores mais distinctos do parlamento.

A *Gazeta de Portugal* aprecia assim o discurso do nobre deputado:

«Fallou o sr. Vieira de Castro, um dos oradores inspirados do parlamento.

«O nobre deputado satisfez a todos os gostos. Não tem de que se queixar nem os que preferem os ornatos da eloquencia, a grandeza das ideias, nem os que entendem que a dialetica deve ser nua para ser forte. O sr. Vieira de Castro sem abdicar a rhetorica, sem reppellir ferindo de um triste desanimo as flores, de que é desvellado cultor, desceu á discussão minuciosa do projecto, e á refutação dos argumentos dos adversarios. Descer não é degradar-se. E' levar a luz para toda a parte.

«A liberdade de imprensa teve no sr. Castro um estrenuo defensor e o mais eloquente glorificador. O nobre deputado desenhou em largos traços a feição do actual governo, feição caracterisada principalmente pelo programma financeiro tão habilmente desenvolvido pelo sr. ministro da fazenda, pela energica mas reflectida iniciativa do sr. ministro das obras publicas e finalmente pelos projectos liberaes do sr. ministro da justiça.

«O nobre deputado respondeu a alguns argumentos do sr. Torres e Almeida que, pelo modo como foram expostos e pela auctoridade de quem os expoz, podiam ter feito sensação em alguns animos.

«O nobre deputado dissipou com a luz da intelligencia as duvidas que se tinham suscitado ácerca do artigo do projecto que se refere á suspensão da imprensa nos casos em que ficam suspensas as garantias.

«O orador tratando do jury distinguiu, seguindo nesta parte o sr. ministro da justiça, os casos em que o julgamento pelo jury lhe parecia natural e util, daquelles em que a policia correccional é o juizo competente.

«Terminou este discurso por um brilhante elogio da fusão.»

Na sessão desse mesmo dia, na camara dos dignos pares, antes da discussão do contrato, apresentou o sr. conde de Avila uma representação de 376 cidadãos, do concelho de Fafe, contra o contrato de 14 de outubro. E' já a segunda representação que sobre o memorando contrato o digno par apresenta. E talvez ainda venha terceira. A coisa não é difficil.

Na ordem do dia teve a palavra o mesmo digno par que fez todos os esforços para mostrar, que o projecto em discussão não é vantajoso ao paiz.

O *Diario* publica a allocução que a camara municipal do Porto dirigiu a S. M. pela sua feliz chegada ao reino. O sr. D. Luiz, depois de agradecer, declarou que tencionava assistir ao encerramento da exposição. A mesma folha contém varios decretos concedendo graças. Entre elles vem um em que é dada a medalha de prata por distincção de philantropia e generosidade ao presbytero Manuel Ferreira Pessoa pelos serviços que prestára, sendo parocho em Coimbra, quando a cholera em 1856 invadira aquella cidade.

O reino visinho está, como se sabe, estranhamente agitado por a insurreição popular que lá acaba de estoirar com um caracter, segundo parece, assustador para o governo hespanhol.

Na imprensa e tambem no parlamento teem-se manifestado receios de que ella tente envolver em amplexo infernal o nosso paiz; teme-se que a revolta se estenda a Portugal, que a hydra, que ora collêa medonha em solo hespanhol, transponha as nossas fronteiras, e que venha arrastando-se Portugal dentro com risco para a nossa nacionalidade, com perigo para as nossas instituições, e tentando reduzir o nosso paiz a uma provincia de Hespanha.

Estes receios não os condemnamos nós: vemos nelles scintilar um raio de patriotismo, que nos alegra, e que nos aquece na crença pelo futuro do nosso paiz. Estes temores são um signal de que o paiz não estrebuxa ainda nos derradeiros estertores, não vasqueja nos ultimos alentos; mas sim que tem vida, que lhe estua no peito muito patriotismo, que não bebe seiva eivada e deleteria, que tem força, que ama a sua nacionalidade, e que no momento da crise deixaria correr o seu sangue para a salvar, para a conservar tal como a recebeu das mãos de D. João IV. Nestes receios vae o amor á nossa independencia, vae dedicação á patria, vae a ideia de conservar a todo o transe a nossa emancipação, e como que um grito anticipado de quão temerosa seria a lucta, se, porventura, a revolução, passando as nossas fronteiras, pairasse sobre o nosso paiz de garras abertas para nos arrebatar a independencia e a nacionalidade.

Mas serão estes receios sem fundamento?

É provavel.

As ideias de união iberica parece que não são as que alimentam a insurreição popular que rebentou no reino visinho. O povo hespanhol quer respirar o ambiente da liberdade, quer quebrar os grilhões do despotismo que elle sente apertarem-lhe os pulsos, quer emancipar-se, anceia por ver repontar nos horisontes do seu paiz o brilhante sol da liberdade, deseja ser livre mas dentro do seu territorio.

As palavras — união iberica —, não são o moto da bandeira revolucionaria, e, se o fosssem, nós haviamos de as repellir com toda a coragem, defender a nossa nacionalidade com todo o heroismo, e, se preciso fosse, evocariamos em nosso auxilio a devoção patriotica dos espartanos das Termophylas, e saberiamos, como elles, ser martyres das nossas crenças e das nossas ideias.

Mas ainda bem que se não acha a nossa nacionalidade ameaçada. A ideia de se fundirem n'um só os dois reinos da peninsula, se por acaso está na mente de alguns maus cidadãos de ambos os paizes, não está, ao que parece, no seio da revolta hespanhola.

A insurreição que se estende sobre a terra da Hespanha, e que se tem mostrado em muitos angulos daquelle paiz, não ameaça a nossa independencia. A revolução não se empenha no triumpho da ideia — união iberica —; lucta petulante e audaz por a liberdade do seu paiz, tenta enroscar-se terrivel nas intolerantes e, porventura, tyrannicas leis da Hespanha, e esmagal-as, para depois as substituir por outras, livres, filhas da civilisação, e em que os direitos do povo sejam reconhecidos, — direitos sagrados que raro impunemente se lhe roubam.

A revolução da Hespanha é um brado popular que não transpõe as nossas fronteiras; é um grito dos opprimidos que anceiam liberdade, e que forcejam por livrar-se da mão que até hoje os tem sopesado.

A nossa autonomia não está em risco de ir a pique, que á revolução preside a ideia de conquistar liberdade, de estalar algemas, e não de offender os direitos de outro povo.

Não ha, pois, a temer nada de revolução em offensa da nossa nacionalidade.

E assim devia de ser. Revoluções que tenham uma aspiração justa, que ponham o fito na liberdade do povo, que luctem com a força moral d'uma crença, que arquem peito a peito com a tyrannia, não invadem direitos alheios; limitam-se a reivindicar os do povo que se acha esbulhado d'elles.

A revolução hespanhola lucta em prol da liberdade do seu paiz, e não em prejuizo da do nosso.

Mas se a revolução deixasse de ser o que é, se em vez de tentar derribar tyrannias, nol-as quizesse impôr, se a nossa autonomia se achasse ameaçada com as palavras — união iberica, — então haviamos de lembrar-nos, que, para conquistar a nossa independencia, correu muito sangue dos nossos passados, dos antigos soldados de Portugal, e que para hastear o balsão da liberdade aqui, no nosso paiz, correu tambem muito sangue; e os sacrificios dos nossos passados e a devoção martyr com que deram a vida em defeza destas duas cousas grandiosas — a independencia e a liberdade — havião de acordar em todo o peito portuguez muito patriotismo para conservarmos a herança dos nossos maiores.

Se a insurreição tentasse entrar no nosso paiz, nós haviamos de arredal-a, e mostrar que presavamos mais a nossa independencia do que o nosso sangue.

A revolução que agora rebentou em Hespanha andava de ha muito a fermentar-se; esteve latente em quanto não foi tempo de abrir cratera, e de expellir a lava. A explosão deve de ser terrivel. O governo hespanhol deve temel-a. São as ideias liberaes que pugnam; é a emancipação do povo que lucta; e quando o povo, conscio dos seus direitos, chega a erguer um brado contra quem lh'os usurpa, esse brado é quasi sempre um supremo esforço que lh'o faz soltar, e d'esse esforço resulta muitas vezes despedaçarem-se os grilhões que o algemam. Impotente, pois, talvez seja a severidade do governo hespanhol para reprimir a revolta.

Quando a revolução tem por alvo a liberdade, não se sopita facilmente. Os fuzilamentos matam o homem; mas não matam a ideia, que se transmitte, que vôa de espirito em espirito, deixando lá o germen d'uma doutrina que depois braceja, lança raizes, e cresce até todo um povo se vir abrigar á sua sombra.

A revolução em Hespanha cremos que não tem outro fim senão reivindicar direitos que pertencem ao povo, e de modo nenhum affrontar a nossa nacionalidade. Empenha-se na liberdade propria, sem tentar offender a alheia. O grito da revolução não é — união iberica —, porque, se o fosse, esse grito não acharia echo em coração portuguez.

Não queremos dizer nisto que a nossa nação, para quem arraiou já ha muito o sol da liberdade, desprese o reino visinho, ou o odeie, não. O que queremos é a nossa nacionalidade intacta, a nossa independencia tal como nol-a herdaram os nossos passados.

Podemos dar o abraço de irmãos á Hespanha, podemos interessar-nos pelo seu futuro, podemos desejar-lhe a liberdade; mas o que não podemos sem grave risco da nossa dignidade e da nossa honra, e sem darmos um torpe exemplo de corrupção, é desfazer o que custou muitos sacrificios a nossos passados. Seria como que soltar uma risada sceptica sobre as cinzas dos martyres da nossa independencia e da nossa liberdade.

Abracemos como irmãos a Hespanha, mas, primeiro, curvemo-nos reverentes sobre os tumultos dos que sellaram com o seu sangue a nossa nacionalidade, e dos que expirando no campo da batalha nos legaram a maior herança que podiam dar — a liberdade.

Mas como a revolução hespanhola não ameaça a nossa independencia, como ella só procura a liberdade dentro do seu paiz, os nossos desejos são que se derrame pouco sangue, que as ideias de liberdade e tolerancia entrem no espirito do governo hespanhol, para que aquella nação seja contada no numero das que avançam para a civilisação pelo caminho da liberdade.

Escrevemos ha pouco sobre rodas de expostos, e succedeu que as nossas ideias fossem as mesmas do nosso collega do *Nacional*. Tinhamos lido n'um outro jornal do Porto uns artigos em que a questão sobre este ponto era encarada de modo diverso. Não nos agradou a opinião d'este nosso esclarecido collega, e pouco depois encontrámos nas columnas do *Nacional* um artigo sobre o mesmo assumpto. Lêmol-o immediatamente, e, para fallar a verdade, relêmol-o, e até nos parece que o sujeitamos a terceira leitura.

Vinham n'elle as nossas ideias, sem tirar, nem pôr, e, satisfeitos da parceria, começamos a escrever o artigo que o nosso collega teve a bondade de transcrever.

Ora ahi está como o nosso artigo veio a parecer-se nas ideias irmão gemeo do do nosso collega.

Mas o collega, além de dizer que *partilhamos* as suas ideias, acrescentou: — *utilisando-se de quasi todas as nossas palavras*. Este — *utilisando-se* — fez-nos suppôr que o nosso collega farejára um indecente plagiato da nossa parte, um plagiato a um artiguito sobre rodas d'expostos!

Socegue o collega. Não está roubado; e se o está é só na sua opinião sobre as supraditas rodas. Em quanto a palavras, suppomos que o collega não se pode queixar de roubo. As palavras, como o collega sabe, são uma capa que se bota ás costas das ideias: ora supponha agora o collega que as suas ideias appareciam encapotadas em ricas capas de brocado, cousa muito de tentar a cubiça, ainda assim nós resistiamos á tentação, que é muito feio tirar as coisas contra a vontade do seu dono.

Por ultimo agradecemos ao collega a transcripção do nosso artigo nas columnas do seu jornal, e sentimos pena de não encontrar o artigo do *Nacional*, que, como o collega diz, separece muito com o nosso, para lhe darmos o mesmo destino.

Lisboa, 9 de janeiro de 1866.

Occupou hoje pela primeira vez a tribuna parlamentar o sr. Leandro José da Costa, deputado por S. Thomé.

Revelou-se pois um dos mais vigorosos propugnadores dos interesses e da progressiva prosperidade das nossas colonias do ultramar tão abatidas e descuradas.

S. ex.ª fez sobre tudo sentir, com re-

Folhetim

A LINDA JOANNA

POR

Theophilo Gautier

VERSÃO DO FRANCEZ

(Continuado do n.º 517.)

Ainda vacilante cahiu Benedicto abatido sobre uma arca; em desesperada attitude fincou os cotovêllos na mesa atravancada de copos e canecas, resto da orgia de Noll e de Saunders.

Que estranha transição! Que subita reviravolta do destino!

Não eram corridos alguns minutos desde que sir Benedicto Arundell se sentára em pomposa carruagem defrontando com uma rapariga adoravel, anjo formoso, que de seu bom grado quizera dos céus baixar até elle, — elle cercado d'amigos e conhecidos, no centro do resplendor d'uma assembleia aristocratica tão altamente collocada, que não parecia poderem os acasos humanos colher os que a compunham; e agora por inaudita perfidia, por atroz cilada via-se preso n'um covil pavoroso, onde por certo o aguardava terrivel morte.

Com olhares sombrios, ao livido clarão do fogo de carvão de pedra, que se ia apagando, Benedicto fitava aquellas paredes sangrentas, reçumantes de vicio e crime, onde aos reflexos intermitentes do fogão dansavam funestas sarabandas, patibulos, retratos d'assassinos e de ladrões, scenas de carniceria e devassidão esgaravatadas a branco, e legendas obscenas, enigmaticas, e minazes.

Contrapunha-se notavelmente a tudo isto a propria elegancia do traje de Benedicto. A nivea luva aromatisada, calçada em fôlha, pousada naquella mesa de tosca madeira riscada de sulcos de navalha, e polida pela gordura, produzia um effeito afflictivo; não era possivel que um homem, como Benedicto, se visse em tal logar senão por monstruoso e malvado conluio.

Desatordoado um tanto do empurrão subito, disse de si para consigo Benedicto: que intento haveria aquelle singular sequestro? Acaso tencionaria sir Arthur Sidney pôl-o em mãos de malfeitores, — porventura d'assassinos? seria aquelle um modo original de castigal-o por não esperar que chegasse? Provocaria o rapto, ou — não podendo defendel-o, iria em cata de soccorro? — Assim vagava de conjecturas em conjecturas sem poder resolver-se. Então pensava com desespero nas inquietações mortaes, nos horrorosos trances d'Amabel, quando não visse voltar o esposo que escolhêra, e cuja desapparição não podia explicar-se. Arrebatava-o de furor tal ideia; amaldiçoava Sidney, e girava em redor do aposento com a maquinal obstinação de fera, que busca sahida. Fez muitas tentativas para abalar a porta, mas ella resistia solidamente nos velhos gonzos ferrugentos, e os encontrões pertinazes de Benedicto quebrantavam-se contra as solidas tabuas.

A janella em altura inaccessivel, era engradada de varões chatos e dentados, — e tão unidos, que pelos intersticios não poderia nem um sylpho escapar-se, sem lacerar as azas.

Esperando que o ouvissem d'alguma das casas visinhas, cujos telhados ageitados em angulos singulares, appareciam vagamente no alto da vidraça, poz-se a gritar sir Benedicto Arundell com toda a força dos pulmões; para despedir os sons mais longe tentou arremedar os gritos dos marinheiros, que necessitam dominar a procella, e dos montanhezes, que separados pela torrente, conversam de beira a beira do abysmo.

O aposento, porém, era surdo, como que estivesse estofado.

Não acordava echo a voz de Benedicto, e volvia-lhe á garganta como succede nas erguidas cumieiras, onde a atmosphera rarefeita tira a vibração ás palavras.

Benedicto irritado passou dos gritos aos bramidos, a ponto de lhe apparecer ao canto dos labios uma espuma ensanguentada; depois, envergonhado desta baldada insania, — de cansado — deixou-se cahir sobre um escabêllo.

Quasi inteiramente gasto, já o carvão não lançava senão rara claridade. Prestes a desapparecer, esvoaçava uma chamma enfraquecida por cima das cinzas; o cahir da noute tornára a janella opaca, e formidaveis sombras se apinhavam aos cantos do aposento, onde os olhos do pavor facilmente veriam agitar-se, e formigar monstruosas fórmas.

Certo que Benedicto era animoso; mas ao furor e desespêro de estar separado de miss Amabel, veio juntar-se o sentimento de conservação pessoal justamente desperto. Bem propria para inspirar receios ao mais corajoso era aquella estranha e tenebrosa aventura.

Fechado só, sem armas, sem meios de defeza, em uma estancia abafada e surda, cuja porta ao abrir-se podia ser passagem para assassinos, Benedicto deixou-se assoberbar de profundo abatimento. Mais terrivel pavor lhe entrou no espirito: — e caso que os assassinos não viessem, que o deixassem naquelle aposento hediondo — porventura masmorra, de que facinorosos cobardes se servissem para deixar morrer á mingua as suas victimas?

Esta ideia de morrer ali de fome ou de sede, qual cão damnado, longe do céu e dos homens, representou-se-lhe no espirito tão ao vivo, que um suor frio lhe correu subito das fontes. Um assassino de pé sobre a soleira da porta aberta affigurar-se-lhe-ia um anjo libertador, pois viria rapida a morte e sem torturas, em vez da agonia atroz, ainda mais horrivel que a de Ugolino. — Ugolino ao menos tinha sete filhos para comer.

E então deu em percorrer o aposento a largas passadas buscando sahida, e sondando as paredes; porém no aposento nenhuma porta havia, a não ser a que baldadamente tentára abalar, ou tão artificioso disfarce tinha — a havel-a — que por nenhum meio podia descobrir-se; e além d'isto dado o caso que fizesse a descoberta, de que lhe serviria? Com toda a certeza devia estar fechada por algum segredo, ou fechadura complicada, cuja chave se tirasse antes de a occultar.

No paroxismo do desespero amaldiçoava Benedicto Deus e os homens; ergueu o punho cerrado para o fôrro da casa á mingua d'abobeda celeste, e bateu violento o pé no soalho, porque não podia calcar mais directamente a face da madrasta Cybele.

O soalho deu um som surdo e cavernoso, porque Benedicto pisava aos pés exactamente o alçapão de que fallámos.

Latejou-lhe o coração alegremente, quando assim ouviu retumbar no vacuo as suas passadas: a esperança d'evasão restituiu-lhe logo a energia e sangue frio. Ajoelhou, e tacteando com as mãos o pavimento, deu-se a pesquisar em todas as direcções, buscando, achar alguma argola, botão, ou móla, que regesse o alçapão.

Breve deparou com a argola, e com incriveis esforços veio a levantar a pesada taboa.

Açoutou-lhe o rosto o ar frio do subterraneo, e vagamente lhe appareceu o abysmo mais sombrio que a escuridade, e mais negro que a noute. *(Continúa)*

lação ao circulo que representa, a summa deficiencia de braços para acudir ás necessidades agricolas e industriaes daquella provincia. Propoz a ideia de promover a emigração dos *libertos* d'Angola para aquella localidade, entendendo o illustrado representante de S. Thomé, que não sendo nem se podendo considerar escravos estes individuos, o seu transporte não poderia ter o caracter de *trafico*. O sr. ministro da marinha hesitou neste ponto, mas parece-nos que a ideia do sr. Leandro é digna de se meditar por muitas circumstancias, e mormente pela aptidão dessa classe para os trabalhos agricolas.

Passando á ordem do dia a camara escutou, na defeza do projecto de liberdade d'imprensa, a sympathica voz do sr. ministro da justiça. O memoravel discurso que acaba de proferir o sr. dr. Barjona quasi que desarmaria a opposição, se infelizmente o projecto estivesse á altura da sua engenhosa e profunda defeza!

Ha pouco tempo ouvimos dizer a um cavalheiro, doutorado na Universidade de Coimbra, e que hoje occupa um logar eminente na repartição de instrucção publica, que o digno ministro da justiça era sempre mais feliz na *defeza*, que nas *proposições*. A respeito deste projecto em discussão talvez isso se verifique em parte.

Na generalidade, e considerado debaixo das intenções reveladas e protestadas pelo illustrado ministro, não ha dúvida alguma, que esse projecto tende a collocar-nos na vanguarda das liberdades do pensamento com relação aos outros paizes da Europa. Mas a redacção, a contextura singular deste documento far-nos-hia recuar muito no caminho da regeneração do espirito publico se acaso ella se não tivesse de retificar em harmonia com as generosas declarações do illustre ministro.

A defeza do projecto circumscreveu-se por emquanto aos limites do ataque. A opposição até hoje tem manifestado um deficientissimo estudo d'essa materia, e se ella não houver de trazer outra ordem de elementos d'aggressão, é bem de ver, que o projecto teria de passar com todos os defeitos, que possa conter.

O artigo 1.º do projecto, que diz acabar com todas as *cauções* e *restricções* da imprensa, foi aquelle sobre que o digno ministro mais insistiu, querendo chamar a attenção do parlamento para a significação e alcance supremo d'essa revolução no systema da publicidade. Entretanto é força notar e fazer sentir, que esse artigo, isoladamente considerado, qualquer que seja a seducção de suas palavras, não quer dizer cousa alguma em quanto que se não mostrar conforme com elle todo o systhema do projecto. E' isso, e essa conformidade é que não achamos, ou não podemos deduzir da sua redacção.

Seja-nos licito, já agora que tocamos nesta materia, discorrer ligeiramente sobre o projecto em discussão, e despidos de todas as preoccupações politicas dizer francamente, o que sobre elle pensamos.

Não nos move um sentimento de hostilidade no exame mais ou menos severo que por ventura fizermos d'elle, porque neste assumpto creio que é licito á imprensa ministerial e ás mais decididas propensões governamentaes, como as que alimentamos, ir ao menos até onde chega o proprio ministro, e quando este não tem duvida em admittir defeitos d'ordem subalterna n'esse trabalho, como em tudo que é obra do espirito humano, a nós é-nos licito averiguar até que ponto elle é susceptivel de se corrigir.

Já se vê, são as intenções protestadas pelo illustrado ministro que nos dão coragem a fallar com certa franqueza ou confiança neste importantissimo assumpto.

Este projecto apezar de tender, pelo que declaradamente inculca o seu artigo 1.º, a libertar a imprensa de todas as peias e obstaculos odiosos, que a embaraçavam, não é a final de contas senão uma lei de excepção, que substitue o systhema *preventivo* pelo *repressivo*. Não elimina aquelle completamente, mas espera que assentada devidamente a responsabilidade este ultimo seja mais efficaz que o primeiro para conter a imprensa nos seus limites.

Não se havendo porém proscripto absolutamente o systhema preventivo não nos sentimos excessivamente animados a saudar com grande enthusiasmo uma reforma que a final não nos chega a elevar ás alturas da civilisação do *celeste imperio* nesta parte.

Queremos dizer que este passo que se considera como um dos mais ousados no caminho das regalias populares do escrever, já foi excedido pela China que desde tempos immemoriaes conserva um systhema muito mais adiantado de liberdade d'imprensa.

No paiz onde o escrever é tão livre, como a mais humilde das funcções da vida organica, ou ainda mais, porque nem ao despotismo das posturas municipaes se sujeita, cremos que dá uma lição proveitosa aos legisladores do occidente!

Por isso dizemos, que nos não inflamamos com surprezas, que não consta que tivessem tirado nunca de seu serio a nenhum *Brahmane do oriente*.

Os relatorios epicos, lyricos, e até bucolicos são proprios da superficialidade effectiva das regiões do meio dia. Evite-os quem poder.

Como lei d'excepção este projecto podia muito bem dispensar o art. 1.º que não apparece senão para prometter o que não póde dar.

Ninguem poderá fundar periodicos, diz o artigo 2.º, sem dar o seu nome na administração; sem se habilitar (art. 3.º) com documentos que mostrem *maioridade*, domicilio, e qualidade de cidadão no gozo de todos os direitos civis *e politicos*.

Ora eis aqui as novas cauções, que substituem o antigo *patrimonio* da imprensa! Para que exige o projecto esta ordem d'habilitações? Diz-se, ou dir-se-ha, é porque é necessario tornar effectiva a responsabilidade penal; e alem disso para fazer o proprio *registo* da imprensa. Muito bem; onde se foi buscar a doutrina que torna necessario o ser *maior*, e *estar* no gozo dos direitos *politicos* para responder pelos delictos? Faça-se embora o *registo* da imprensa, mas registo que aceite o que apparece, que respeite o livre desenvolvimento da publicidade, que o não limite por considerações accidentaes, que nada tem com o tornar effectiva a responsabilidade do delinquente. Se o principio do projecto na sua generalidade é deixar a mais ampla latitude á imprensa, e assegurar a punição dos delictos, e isso o diz o relatorio do projecto, o da commissão e o ratifica o digno ministro, então está evidente que se deve modificar um artigo que limita a publicidade sobre tudo garantida pelo art. 1.º E é para isso que nós já nem queremos, que se tire do projecto esse artigo. Elle a final é-nos necessario para correctivo dos outros, e para por elle modificarmos qualquer excesso filho de méra redacção.

A circumscripção feita pelos artigos 2 e 3 achamol-a em manifesta antinomia com o artigo 1.º, que não é debalde, que ha de dizer que acaba com as cauções para as restabelecer com outro caracter pelos referidos artigos.

E na verdade seria mesmo um principio absurdo, que este projecto tirasse o direito de publicidade aos menores, e aos que não estão no goso dos direitos politicos, quando aliaz elle nos evita, que esses mesmos influam sobre a opinião publica. Basta que um delles por exemplo constitua o proprio aguadeiro como *editor* para o conseguir; e assim se faculta a um ignorante o direito, que só deveria em tal caso ser exercido por quem possuisse a capacidade moral ou intellectual de o exercer.

Não desejamos por tanto ver vingar uma similhante caução, para a imprensa.

Não ha dúvida que é conveniente dar certa garantia áquelles que foram aggredidos por ella, que forem victimas de seus excessos; mas para isso, tornamos a dizer, basta que se estabeleçam providencias preventivas, que não limitem a publicidade, *que por si não é nenhum delicto*.

Esta ordem de cauções tem o quer que é da *licença regia*, e nós antipathisamos com as *licenças*; antes queremos um *registo* vigilante, activo, e até mesmo *preventivo*, se tanto é necessario para supprir os defeitos da *policia* repressiva.

A lei satisfaz-se com que lhe não *escapem* os delinquentes; e embora elles sejam *menores* ou não, nem por isso póde ser menos garantida a sua punidade.

Aceitando pois a prevenção, que manda registar os periodicos designando o *nome* e o *domicilio*, só quizeramos que desapparecesse aexigencia das habilitações relativas á *edade* e á *qualidade* social do edictor, por serem *restrictivas*.

Esta é a verdadeira liberdade, e nesta generosa plenitude da sua expanção, a imprensa a si mesma se corrige e se modera. Comprimi-a ou seja pela prevenção cautelosa e timorata, ou pela repressão energica desabrida e desgradante e acreditae, que as suas explosões serão como as da polvora, tanto mais violentas e perigosas, quanto mais opprimida e retreada.

Para que se acatasse totalmente o direito de publicidade periodica e se não deixasse de satisfazer á necessidade do *registo preventivo*, bastaria que o projecto constrangesse todo o periodico, depois de ter apparecido, a *inscrever-se* n'um praso determinado e improrogavel sob pena de *suppressão* ou melhor de *suspensão*.

Este seria um registo benevolo que acatava o direito d'*edição* sem abdicar o seu direito de *inscripção*.

Esta exigencia apezar de preventiva não tinha nada de odiosa porque não restringia nem limitava o uso e exercicio o mais amplo e *licito* da liberdade de escrever e publicar.

Todas as industrias estão nas circumstancias de commetter delictos no seu mesmo exercicio: e por que se não hão de estabelecer *restricções* desta ordem para ellas, concedendo-se a applicação da actividade nesse sentido só aquellas que preenchessem essas condições que reprovamos? Use-se ao menos com a imprensa da benevolencia que se dispensa ás *tendas!* Colloque-se o jornalista ao menos nas condições de liberdade que se concede a estes negociantes de pequeno trato. Elle é susceptivel da moralidade que se *presume* n'um chafariqueiro.

Já vae longa esta correspondencia. Muito e muito temos que observar a *todos* os artigos do projecto. Fica para outra vez.

Amanhã deve occupar a tribuna o sr. Sant'Anna e Vasconcellos. Iremos escutal-o com a attenção que é devida á sua palavra sempre repassada de generosos sentimentos de liberdade. Temos uma notavel sympathia por este espirito publico, porque nos lembra que delle dizia o nosso chorado José Estevão, que era o unico que andava com sinceridade de crenças na vida politica.

Está nesta capital o sr. Anthero do Quental, uma das mais vigorosas intelligencias da geração nova, mas que tem o mau gosto d'embirrar com os elogios!

J. L. M.

Exposição do Porto

XIX

Cumpriremos hoje a promessa, que fizemos, ao terminar a nossa decima setima visita. Ainda esperamos que nos enviassem algumas informações. Como não vieram, aproveitaremos os esclarecimentos obtidos, e ninguem diga depois que manifestamos parcialidade.

A chapeleria do districto de Braga, pela sua exposição no Porto, não deu exacta noticia do seu verdadeiro valor. Para esclarecimento podemos dizer que a lã produzida no districto, e a da provincia de Traz-os-Montes, são na sua maxima parte consumidas pela chapeleria local. Em quasi todo o districto esta industria existe, mais ou menos desenvolvida, sendo mais avultada a sua importancia nos concelhos de Guimarães e Braga. Em Guimarães a producção annual sóbe apenas a dois contos de réis. Braga concorre aos mercados do paiz, aos da Hespanha, e do Brazil, em cada anno, com chapeus cujo total valor é para cima de cem contos. Ha chapeus de 160 a 1$000 réis.

O processo do fabrico, adoptado no districto, reduz-se ao seguinte: escaldar a lã com agua a ferver, lavar em agua fria, seccar em tendaes, escolher e desarguei-rar, cardar com cardas de arame, arcar com uma corda de tripa preza a um arco para separar a lã mais fina, bastir unindo a lã sobre uma prancha de cobre, molhando-a de vez em quando, e conservando por baixo da prancha um fogareiro com brazas, infurtir ou enformar os chapeus, sobre um taboleiro de madeira, depois de mettidos em agua a ferver, tirando-lhes o pêllo com pedra pomes, tingir em campeche, caparosa, sumagre, e verdete, lavar em agua corrente, engommar, acabar dando-lhes lustre com o ferro, e finalmente apparelhar pregando tiras de carneira, e debruando.

E' quanto podemos dizer ácerca desta industria em Braga. A estatistica official nunca disse tanto, porque mantem a mais prudente reserva.....

As fabricas expositoras de chapeus portuenses foram avaras em esclarecimentos. Da *Fabrica Social* sabemos, quasi por acaso, que produz annualmente quarenta mil chapeus de feltro. Conta este estabelecimento doze annos de existencia, e emprega setenta obreiros. Da fabrica do sr. Maia e Silva podemos dizer que produz annualmente cinco a seis mil chapeus de seda. Conta esta fabrica dezesete annos de existencia, e emprega de vinte a vinte cinco pessoas no fabrico de bonnets, chapeus de seda, e chapeus de phantasia.

E nada mais. Das outras apenas sabemos que existem, e de algumas é justo dizer que são bons os productos.

A exportação de chapeus, de Braga e do Porto, pela alfandega desta ultima cidade, póde ser avaliada em vinte e cinco a trinta contos por anno.

De Lisboa, o que diremos? De tantos que expozeram, alguns com verdadeiro merito, apenas um forneceu esclarecimentos. Seja qual for a importancia da casa do sr. Agostinho Roxo, a quem devemos agradecer informações minuciosas, não poderiam outros figurar aqui, assim como o seu estabelecimento figura, nesta breve noticia, que damos, das fabricas, para que não fique desconhecido o seu progresso, para que saibam todos quaes são os esforços que faz a industria deste paiz, e quaes os meios que ella emprega para rivalisar com a industria estranha?

Aceitemos o que voluntariamente se apresenta, e esperemos que mais tarde os interessados apreciarão todas as vantagens, que resultam da publicidade.

O sr. Agostinho Roxo enviou, para a exposição do Porto, uma collecção de pellos, chapeus em varios estados de preparo, amostras de pelles, que maior consumo teem na chapeleria, e productos fabricados nas suas officinas.

A collecção de materias primas comprehende: pêllo de coelho do paiz, de lebre de Allemanha, e da Russia, tudo manipulado na fabrica, e pêllos de *rat gondin, rat musqué*, e castor branco, importados de Inglaterra.

Como para representar os resultados das diversas operações, no fabrico dos chapeus de pello, o sr. Agostinho Roxo expoz: arcagem de um chapeu razo (no arco mecanico) feita com pello de coelho da terra branco, e algum de França; bastisagem de um chapéu razo, branco-leite, feito com pêllo de coelho branco do paiz; bastisagem de um chapeu castor-velludo, feito com pêllo de lebre da Russia, Saxonia e França; arcagem (no arco mecanico) de um chapeu castor-velludo, feito com pêllo de lebre das mesmas procedencias; bastisagem (no arco mecanico) de um chapeu razo, feito com pêllo de coelho da terra, e algum de França; chapeu mescla, depois de infurtido á falla; arcagem (no arco mecanico) de uma coifa para cobrir com casco de tela; chapeu de copa alta, feito com pêllo de coelho e *rat musqué*; bastisagem de uma coifa para cobrir chapeu de fôrma alta, feita com pêllo de coelho e *rat musqué*; uma coifa depois de infurtida.

A collecção das amostras de pelles abrange, pelles de lebre de varias procedencias, pelles de coelho do paiz, e de *rat gondin*, sendo uma destas sem amanho, e outra feita de grosso, isto é, com o primeiro preparo.

O *rat gondin*, cujo nome vulgar francez conservamos aqui, porque não conhecem outros os pelleiros, é o *myopotamo*, mammifero roedor, que se encontra no Chili, e nas provincias de Buenos Ayres. O pêllo deste animal é similhante ao do castor, e desta similhança vem a sua applicação na chapeleria.

Constando que o myopotamo existe em Quilimane, e sendo possivel que alguem queira explorar novo commercio, importando pelles, que os chapeleiros de bom grado compram, bom foi que o sr. Roxo se lembrasse de mandar, para o Porto, as amostras de *raconde*, ou de *rat gondin*, que vieram de alguma das nossas possessões, a ser exacta a informação, que nós temos.

Em uma das passagens da nave central para a galeria d'oeste, e no topo das prateleiras, em que estão expostos os algodões estampados, vê-se a collecção de materias primas, que o sr. Roxo mandou.

Na classe de productos fabricados expoz o sr. Roxo sessenta e seis chapeus de varias qualidades e preços, formando com elles uma completa e boa collecção dos artefactos de suas officinas.

A fabrica de chapeus do sr. Agostinho Roxo foi fundada em 1852, e estabelecida, em Lisboa, no largo da Mouraria, empregando 126 operarios, entre homens, mulheres e menores, cujos salarios sobem de 200 réis a 1$000 réis.

Uma pequena machina de vapor, com a força de dois cavallos e meio, dá movimento á machina de cortar as pelles, a um arco mecanico, e á *soufleuse*, conhecida ainda pelo seu nome francez.

A braços trabalha outro arco mecanico, a tosquiadeira, e trez machinas, que servem de arrasar os chapeus.

A fabrica tem privilegio pela introducção do arco mecanico, e foi premiada com a medalha de prata, em 1861, no Porto, em Londres, na exposição de 1862. O fundador foi condecorado por El-Rei com o habito de cavalleiro da ordem de Christo, na occasião em que recebia a medalha de Londres.

Sabendo que o sr. Agostinho Roxo, no relatorio que tem de apresentar ao governo, escreve a historia da industria, a que tem, com tanto zêlo, dedicado a sua intelligencia, o seu tempo, e os seus capitaes, não alargaremos mais esta noticia, com a qual terminamos as nossas considerações relativas á chapeleria portugueza, cujo incontestavel progresso se pode verificar no palacio da industria, e nas exposições permanentes do Porto e Lisboa.

FRADESSO DA SILVEIRA.

Commercio do Porto.)

Segunda parte do discurso pronunciado pelo sr. ministro da fazenda, Fontes Pereira de Mello, na sessão de 7 de dezembro ultimo a respeito da novação do contrato das linhas ferreas do sul e sueste.

(Continuado do numero 516.)

Já vê a camara, pois, que não houve temeridade por parte do governo em calcular o rendimento da linha como calculou o engenheiro seu director, e que portanto neste ponto não affastou o governo dos homens *competentes*, invocados pelos illustres deputados; e cabe agora notar que ss. ex.as discutindo, não citaram os nomes d'esses homens competentes a que se referiam, e eu cito o sr. Canto, que foi explorador e director do caminho de ferro do sul e sueste.

Resta-me ainda o fazer uma observação importante, que ha de servir para legalisar o resultado dos calculos a que pretendo chegar; e a camara considere que eu não parto de bases empiricas, pois que me esteio em factos reconhecidos pelos individuos mais insuspeitos e demais authenticados pelos documentos officiaes.

Todos sabem que os caminhos de ferro em todos os paizes, apesar de sairem triumphantes da competencia das estradas, rios e canaes, comtudo soffrem sempre e padessem com essa competencia; isto é uma coisa de intuição. Na Belgica, por exemplo, que é um paiz cortado de canaes em consideravel numero e de facil communicação, os caminhos de ferro lutaram por longos annos com grandes difficuldades, e neste ponto refiro-me ao deputado o sr. Carlos Bento, o qual, com toda a verdade, que é propria do seu caracter, enumerou os embaraços que na Belgica encontraram os caminhos de ferro, que chegarem a produzir, debaixo do ponto de vista financeiro das companhias, as sommas correspondentes ao gasto da construcção; e refiro-me só ás companhias, porque o estado não lucra sómente com as rendas que entraram no thesouro, porque lucra com a fortuna publica, considerada sob muitos aspectos (apoiados). Aceitarei comtudo os claculos do illustre deputado e as estatisticas absolutas que provam quanto os caminhos de ferro lutaram com os canaes naquelle paiz.

Na Hollanda succedeu o mesmo, no *nosso* Perdonnet (e chamo-lhe *nosso*, porque é de ambos, porque o reduzimos ao mesmo denominador), não vem mencionadas as difficuldades que houve a vencer para se estabelecerem caminhos de ferro na Hollanda; e qual foi o motivo que gerou essas difficuldades? Foi a competencia dos canaes, que eram em consideravel numero naquelle paiz, e todos mais ou menos de facil communicação. Trez ministerios cairam, já em tempos proximos, por quererem estabelecer caminhos de ferro na Hollanda, e só ultimamente se conseguiu o abrir-se um caminho de ferro á exploração naquelle paiz. Isto quer dizer que os canaes, rios e estradas, são até certo ponto, uns mais outros menos, cada um na esphera da sua acção, competidores serios dos caminhos de ferro.

Mas analysemos, e concordemos em que o Alemtejo não é a Hollanda; porque se alguma parte do nosso paiz houvesse de similhar-se á Hollanda, sob este ponto de vista, seria a Beira e não o Alemtejo (apoiados). Infelizmente o Alemtejo não tem estradas, nem rios, nem canaes; não tem elemento algum de viação, que possa fazer competencia ao caminho de ferro de sueste; e portanto este caminho ha de abraçar de necessidade não uma parte do movimento d'aquella provincia, senão todo; quer dizer toda a provincia se ha de communicar, por meio das grandes arterias da linha ferrea, com os portos do sul do reino.

Ha pouco comparei eu o rendimento do producto bruto kilometrico das linhas do sul e sueste, com o das linhas do norte e leste, e logrei provar pelas indicações ministradas pela industria, imposto e população, que o rendimento do sueste seria metade do do norte e leste.

Mas esqueci-me de apontar uma circumstancia, ou para melhor dizer, não me esqueci, porque me reservei para agora fazer o correctivo ao calculo apresentado, o qual não era senão desfavoravel á minha argumentação, e que se o expuz nos termos em que o fiz, foi para mostrar toda a lealdade, com que procedi sempre; a circumstancia é que o caminho de ferro do leste, na extenção de 35 kilometros, tem a competencia de um rio; não é de um canal, note-se bem. Quer dizer, que se não houvesse a competencia do Tejo em relação ao caminho de ferro do leste e norte, porque de facto compete com elle até Abrantes, o rendimento do caminho de ferro seria muito superior, e por consequencia metade d'esse rendimento seria tambem mais elevado, e eu tendo obtido para o caminho de ferro do sueste metade do rendimento do caminho de ferro do leste, se houvesse tido attenção a esta ciscumstancia, deveria obter um rendimento muito superior ao calculo que apresentei.

Por consequencia eu discorri no sentido mais desvantajoso para mim, e eu logo terei occasião de dizer á camara qual seria realmente este rendimento, se tivesse attendido a este elemento do calculo, que é bastante importante, porque attenua consideravelmente o rendimento do caminho de ferro do leste, sem attenuar nem diminuir em cousa alguma o rendimento do caminho de ferro do sueste. E note-se que o Tejo não é um canal, porque na Belgica, na França, na Inglaterra e na Hollanda, sobretudo, os caminhos de ferro luctam apenas com os canaes, emquanto que o nosso caminho de ferro do leste lucta com o grande adversario do Tejo, no espaço de nada menos de 35 kilometros!

Assim mesmo eu fui consultar as estatisticas muito conhecidas do Binar, onde se encontram mui detalhados e especificados os rendimentos kilometricos dos caminhos de ferro onde ha canaes, e achei que os caminhos de ferro teem luctado com estes competidores, principalmente no transporte de generos pesados e volumosos, os quaes difficilmente podem ser transportados pela via ferrea, sem que o deixem de ser facilmente pelos canaes.

Ora, se os caminhos de ferro luctam, como é provado, com os canaes, parece evidente que muito mais teem que luctar com os rios onde a competencia é muito mais perigosa, por mais facil e economica (apoiados).

Mas tendo examinado os documentos e os dados positivos que me subministram os caminhos de ferro do nosso paiz, não me poderá ser estranhado que eu recorra, ainda que seja por um momento, ao producto bruto kilometrico de linhas de ferro estabelecidas nos outros paizes. E peço licença para dizer á camara que fui extremamente cauteloso no modo por que apresentei ao publico e á assembleia o resultado das diversas linhas que estudei, assim como o vou declarar á camara.

Eu procurei fugir da censura que merecidamente me seria feita, se porventura fosse calcular o rendimento provavel de uma linha que se ia a construir, com o rendimento provavel de linhas construidas de ha longo tempo. Approximei-me quanto pude da infancia do caminho de ferro;

investiguei e analysei a estatistica de Chavaret, um dos primeiros engenheiros da França. Mr. Chavaret refere-se aos caminhos de toda a Europa em 1855, mas parti para este estudo de 1841, pois que, como todos sabem, até 1841, em França, os caminhos tinham uma importancia muito subalterna, e só assumiram um grande desenvolvimento depois da publicação da lei de julho de 1842, a qual foi dar-lhes a importancia, que não tem depois cessado de ser progressiva. Procurei remontar-me a esses caminhos e intentei confrontar a importancia do producto kilometrico de redes importantes e não de linhas; e a este respeito já o meu illustre amigo, o sr. Martens Ferrão, triumphantemente respondeu a algumas observações que se tinham apresentado por parte da opposição, procurando mostrar quanto era inexata a conclusão que se tirava da approximação do rendimento de linhas pequenas, pois que é claro que em todas as redes de caminhos de ferro mais ricos de população, de industria e de commercio, ha porções de linhas que rendem muito pouco, consideradas abstractamente, assim como ha muitas linhas que ligam ás vezes dois pontos importantes de população, mas que por virtude de circumstancias, derivadas da natureza dos terrenos que atravessam, experimentam uma diminuição consideravel de rendimento.

(Continua.)

Pediram-nos a inserção das seguintes cartas. Publicamos a primeira por equidade para com o seu auctor, visto que é resposta a outra correspondencia, a que anteriormente démos publicidade. Advertimos, porém, que o signatario d'ella, assim como quaesquer outras pessoas que tenham a enviar-nos correspondencias que as mandem competentemente reconhecidas, sem o que não serão publicadas.

A segunda estava já em noso poder há dias. Não tem sido publicada pela falta de espaço com que temos luctado.

Pedimos desculpa.

Sr. redactor do Districto.

Paus, 8 de janeiro de 1866.

Nos dois ultimos numeros do seu jornal, vem em cada um artigo sob a epigraphe *Concelho de Albergaria*, em que se fazem alusões falsas e calumniosas a alguns empregados deste concelho, e designadamente a mim.

Não obstante a grande consideração que tenho pela imprensa, tinha formado o proposito de não responder ao articulista, que com quanto occulte o seu nome, é bem conhecido neste concelho, e fora d'elle, e até na capital, onde as suas *virtudes* fizeram já inscrever seu nome nos registos da policia.

Todos sabem o modo de vida deste heroe e a honestidade das suas occupações em Lisboa. Não sou mais explicito, por que a seriedade da imprensa o não permitte.

Comtudo devo uma satisfação ao publico, que me conhece, e perante o qual não posso deixar passar sem correctivo algumas insinuações que ahi se me fazem, sendo as principaes umas confissões de divida em que figuro, como credor, de que se lavraram escripturas com *procurações falsas*, abusando de boa fé das devedoras Sobre este ponto da exclusiva competencia dos tribunaes, que hão de dar sobre elle o seu veredictum, nada digo. Esperamos d'elle a decisão do pleito, da qual eu hei de dar conhecimento ao publico, que então me avaliará como entender, e fará a devida justiça, o que ha de pesar ao protector officioso das mesmas devedoras.

Eu poderia desfiar aqui este negocio pelo miudo, e publicar até os documentos, que tenho em meu poder, alguns dos quaes são escripturas, sem serem as alludidas, sentenças passadas em julgado, e outros, que encheriam innumeras columnas do seu jornal, e essa publicação justificar-me-hia completamente; mas entendo, que não devo trazer para a imprensa questões particulares de contas, negocios entre familias, partilhas etc.

Quanto ao mais que no artigo se diz, não respondo, sem que se prove o que se allega. Venham essas provas, esses documentos falsos, esses testamentos, e procurações; tenha o articulista a coragem de me accusar em juizo que só ahi lhe responderei.

E quando quizer venha a sindicancia para se conhecerem e discobrirem bem os crimes, e os criminosos. E então se saberá quem são os assassinos e os ladrões, os incendiarios, e os falsificadores; quem lançou o fogo ás minhas medas de trigo, e pinhaes; quem furtou uns certos cordões, libras, e anneis; quem attentou contra a minha vida, e quem mudou a data a certos documentos para os inculcar de falsos.....

Tudo se ha de apurar nos tribunaes. E tenham paciencia, que lá é que se hão de decidir estas questões, ainda mesmo que me tirem a vida, por que cá ha de ficar quem as possa seguir.

Tambem confiamos no ex.mo sr. governador civil do districto, a quem espero pôr ao corrente de toda a verdade, logo que me possa levantar do leito, aonde me arrojaram os *meus* assassinos.

Concluo, sr. redactor, com dizer que não descerei mais a responder ao articulista neste campo, por que me envergonho d'isso.

Pela inserção destas linhas lhe ficará obrigado o

De v. etc.

J. Santos Sousa.

Sr. redactor.

Janeiro, 4 de 1866.

Arguido acrimoniosamente no *Campeão das Provincias*, por quem tem pejo em assignar seu nome, de ter *empalmado* 15 libras a titulo de livramento de um mancebo, é do meu dever não deixar passar á revelia essa infame accusação, onde se transluz a mais requintada malvadez. Timbra esta *boa gente* em baralhar os factos, e não tem a coragem necessaria para darem em juizo a prova do que mandam escrever.

É miseria, e mais que miseria! Alardeiam de um recibo, quando esse recibo não dá a entender se não que sou um mero depositario d'essas 15 libras, que a seu tempo entregarei a quem por direito pertencerem.

E note-se mais que — quem quer empalmar 15 libras não passa recibo dellas. Fiquem na paz do Senhor, que por este lado não abrem brecha.

Á vista do que dizemos parece-nos estar vendo o heroe de Mezãofrio encaixar na longa penca os ferrugentos oculos, levantar as sobrancelhas, dar uma volta ao solideu, empertigar-se nos bicos dos pés e dizer com voz de possesso = pois eu que paguei o sêllo e mandei tirar a publica fórma não hei de vingar-me d'esse *marau*, que teve a ousadia de me negar a sua pequena influencia eleitoral, quando eu mandado pelo meu partido miguelista promovia a candidatura do sr. José Dias Ferreira? Pois eu não hei de tirar vingança de quem não quer dar-me importancia; a mim fidalgo de quatro costados? =

Este sr. Menezes é os meus peccados. Socegue; não se esquente, que as *pessoas de bem* não fazem espalhafato.

Esses tempos, sr. Menezes, (parece-me que a sua consciencia lh'o ha de lembrar) em que se davam descargas aos homens, que encerrados na masmorra, tinham pugnado contra o despotismo em prol da liberdade, esses tempos já lá vão para nunca mais tornarem a voltar; pois que delles nos não resta mais que a triste memoria!

Olhe: conforme-se com a vontade do Senhor, que este mundo é recheado de caprichos, que nem eu, nem v. s.ª (ou ex.ª, como quizer) não podem explicar; é melhor fazer penitencia do passado, de que expôr se a correr mundo nessa edade em que as posses o não ajudam: mas já que quer, faça-se a sua vontade.

Os seus amigos de hontem, ou da occasião, hão de mettel-o sempre n'isto, e depois de o verem andar com a cruz pesada da sua vida pelas ruas da amargura, darão duas risadas de motejo, e pedirão ás auctoridades que lhe abram as portas de Rilhafoles; o que nós não levariamos a bem se tal infelicidade tivessemos; porque então lá ia a fidalguia d'Oliveira, e com ella todos os antigos pergaminhos desde o sempre chorado D. Sebastião.

Ficaremos agora por aqui, promettendo sempre continuar, já que se occuparam da minha humilde pessoa; pois que a bôda e baptisado não vás sem ser chamado. Mas como quizeram hão de aturar a minha má lingua algum tempinho, não sendo só o sr. Menezes que se ha de submetter ao meu escalpello; ha de haver mais quem; porque costumam atirar a pedra e esconder a mão.

Agora, sr. Menezes, não me anathematise, que ficarei sempre sendo o mesmo.

Se estas linhas, sr. redactor, merecerem a publicação no seu jornal, muito obsequeia que é com toda a consideração

De v. etc.

A. J. B. Cardote.

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 6 de 9 de janeiro

MINISTERIO DA FAZENDA

Venda, no dia 20 de março proximo, de fóros censos e pensões impostos em propriedades da extincta commenda de Frigim, concelho de Amarante, districto do Porto.

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

Aviso aos navegantes n.º 37.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 7 de 10 de janeiro

MINISTERIO DO REINO

Boletim do estado sanitario de Freixo de Espada á Cinta.

MINISTERIO DA FAZENDA

Venda, nos dias 19 e 21 de fevereiro proximo, de fóros, censos e pensões impostos em propriedades sitas no districto de Aveiro.

— Mais, no dia 18 de abril, de bens nacionaes sitos no districto do Funchal.

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA

Portaria elevando a delegação do correio de Rezende, em Sinfães, á cathegoria de direcção.

— Outra ordenando que na villa de Freixo de Espada á Cinta seja creada uma direcção de correio, subordinada á administração do correio de Villa Real.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 8 de 11 de janeiro

REINO

Portaria ordenando que o cirurgião do partido da camara municipal de Freixo de Espada á Cinta, Augusto Sebastião Guerra seja exonerado desta commissão por ter desemparado aquella villa logo que se manifestaram os primeiros casos de cholera.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Portaria mandando proceder a novo concurso, por provas publicas, para provimento da egreja parochial de S. Julião, no concelho e bispado de Portalegre.

FAZENDA

Despachos por decretos do mez de dezembro de 1865,

— Venda, nos dias 23 e 26 de fevereiro proximo, de fóros, censos e pensões impostos em propriedades sitas no districto de Aveiro.

— Idem no dia 22 de fevereiro, de bens pertencentes á fazenda, sitos nos districtos de Evora, Lisboa e Santarem.

— Mappas da receita das tres alfandegas principaes do reino no mez de dezembro do anno findo.

GUERRA

Ordem do exercito n.º 58.

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

Portarias relativas a isempções do recrutamento da armada.

— Decretos despachando no posto de segundos tenentes para a guarnição da provincia de S. Thomé e Principe, Vital Bettencourt Vasconcellos Corte-Real do Couto e Augusto Cesar da Costa Carvalho.

OBRAS PUBLICAS

Portaria approvando o projecto datado de 9 de dezembro ultimo relativo ao lanço da estrada de Villa Nova de Famalicão á Povoa de Varzim comprehendido entre a cappella do Bom Successo e Portas Fronhas.

— Aviso de que no dia 22 de fevereiro proximo vae á praça, no governo civil do Porto, a arrematação das obras do lanço da estrada de Villa Nova de Famalicão á Povoa de Varzim, approvado pela portaria antecedente.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 9 de 12 de janeiro

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Aviso de que está aberto concurso documental para provimento da dignidade de deão da Sé Cathedral de Bragança.

— Despachos por decretos dos mezes passados e corrente.

FAZENEA

Continuação do annuncio do pagamento dos vencimentos do mez de dezembro do anno findo, a diversas classes.

— Noticias de ter naufragado, a 20 de dezembro, na praia da Horta, o brigue americano Olcolona.

Exterior

Guiados apenas pelas noticias que publicam as folhas hespanholas podemos dizer que a revolução em Hespanha se acha suffocada. Mas é muito de crer que assim não seja, attendendo ao silencio que se faz guardar aos periodicos antiministeriaes.

A *Gazeta* diz:

«Zamora, 7 de janeiro á uma hora e quinze minutos da tarde. Do governador ao ministro do reino: Segundo uma participação do alcaide de Tavora os sublevados chegaram ali ás seis horas da noite de hontem, e sem se demorarem partiram em direcção a Portugal. No resto da provincia ha ordem e tranquilidade.»

O general Concha escrevia de Manzanares, no dia 6 ás onze horas e vinte minutos da noute ao ministro da guerra:

«Acabo de saber que os sublevados entraram em Porto Lapiche ás onze horas e meia, e outros dizem que ás duas estavam dando rações, que depois passaram a Villalta, e que se dirigiam a este ponto. Determinei que os postos avançados não façam fogo emquanto não entrarem na cidade; receio que apesar das precauções que tomei, saibam que estou aqui, e se dirijam a Daimiel. Se isto succeder, partirei pelo caminho de ferro, levando um guia. Esta noite, ás onze horas, o tenente da guarda civil, D. Ignacio Rios, a quem fiz partir para Venta del Quesada com quatro cavallos, encontrou antes de chegar ali, um grupo de homens a cavallo, e carregando-os, alcançou um delles, que prendeu, achando-lhe um rewolver; disse ser natural de Madrid, sem querer fazer mais declaração alguma.»

No dia 7 escrevia o mesmo general de Daimiel ao ministro da guerra o seguinte:

«Meia hora depois da minha sahida, apresentou-se uma força de cavallaria em numero de 25 homens, que parecia ser o general e officiaes, emquanto que o resto da força marchava do lado de fóra da estrada, e por saber que este era o seu movimento, entrei aqui. Retiraram-se, conservando-se apenas meio quarto de hora, e contramarcham para Villarrubia de los Ojos.»

No mesmo dia dirigia o general Zalava uma communicação ao mesmo ministro, escripta de Tembleque:

«Os sublevados com Prim sahiram esta manhã, ás dez horas, de Madrilejos, com direcção a Puerto Lápiche. Vão completamente desanimados, e o gado em muito mau estado. Mandaram um esquadrão a Consuegra buscar dinheiro, e levaram 30:000 reales. Comquanto não tenha concluido o desembarque da divisão, parto para Madrilejos.»

O mesmo general ao ministro da guerra enviava esta parte datada de Madrilejos:

«Acabo de reunir aqui as forças do meu commando, demoradas em grande parte pela difficuldade do desembarque do gado dos trens em Tembleque. Mas eu e as demais forças achamo-nos aqui desde o romper da manhã. Neste momento marcho para Villalta, onde os insurgentes pernoitaram, e seguiram hoje ás nove horas da manhã para Manzanares. Forçarei a minha marcha quanto me for possivel, e procurarei dar a v. ex.ª noticia do que occorrer. O marquez del Duero, suppondo que os sublevados se dirigiram para Ciudad Real, partiu esta manhã nessa direcção; mas, achava-se demorado em Daimiel, onde recebeu a noticia de estarem em Villalta os rebeldes, e esperava a confirmação desta noticia para voltar a Manzanares. O transito dos insurgentes nota-se em toda a parte pela expoliação dos fundos publicos, pela destruição das linhas telegraphicas, pontes e caminhos de communicação, e por tudo quanto póde, por um momento, deter a marcha das tropas que os perseguem.»

Em seguida a esta communicação escrevia no dia 7 de Villalta Zavala ao mesmo ministro:

«Cheguei aqui com a divisão, que ha de descançar algumas horas, depois de uma marcha de dez leguas em oito horas, e marcharei sobre os rebeldes, e é nessa direcção que espero noticias mais certas. Hontem á meia noite sahiram deste ponto, parecendo encaminhar-se para Manzanares, mas tomando a direcção de Daimiel, onde supponho passaram, aproximando-se das montanhas.

«A tropa continua animada de excellente espirito, e disposta a fazer um esforço, que hei de fazel-o ámanhã, para alcançar os insurgentes, forçando a marcha. De tarde avisarei a v. ex.ª»

Na reproducção destes despachos publicados pelo ministro da guerra é que consistem as noticias dadas pelos jornaes hespanhes; todavia ha ainda mais algumas que não teem essa procedencia.

Diz-se que o general Prim fora accommettido de um padecimento de figado que o costuma attacar. Consta tambem que o sr. D. José Salamanca offerecera os seus serviços ao governo hespanhol, e que annunciara a sua proxima partida para Madrid para fazer em favor da ordem publica o que estivesse ao seu alcance.

A empreza do caminho de ferro de Alicante pôz á disposição do governo 500 wagons, e a empreza do caminho de ferro do norte 120.

As linhas ferreas de Valencia a Madrid que tinham sido cortadas pelos sublevados já estavam reparadas.

Diz-se tambem que em Madrid houve um grande levantamento popular de que resultou um grave conflicto entre o povo e a tropa.

Consta que em outras cidades da Hespanha ha muitos signaes de insurreição.

Os sublevados hespanhoes que entraram as nossas fronteiras em numero de 500, diz-se que vão ser mandados, parte para Peniche, parte para Cascaes.

— Mais uma outra revolução acaba de rebentar. E' no Mexico, e diz-se que contra o imperador Maximiliano. Esta noticia não é dada como positiva. E' boato apenas.

— Eis algumas das palavras com que respondeu o santo padre ao cardeal Patrizzi que o comprimentou no dia de anno bom em nome do sacro collegio:

«Com satisfação (disse o pontifice) recebo as felicitações do sacro collegio, e retribuo-as desejando-lhe cordealmente toda a especie de prosperidades. Por certo que desde a minha ascensão ao pontificado, tem sido o sacro collegio e continúa a ser o meu mais fiel apoio; o que é para mim grande consolação.

«Desde os seus primeiros tempos teve a Igreja que luctar com a crueldade dos Cezares e com o orgulho dos philosophos; tempos depois teve de entrar em lucta com os herejes e com os barbaros, e por espaço de largos annos arrostou com reiterados ataques do islamismo.

«Reproduziram-se depois as herezias, e com ellas surgiram novas luctas; reappareceram os philosophos, inventores de diversas formulas de incredulidade; e necessario foi entrar com elles em novos combates.

«Agora a guerra é mais encarniçada de todas as partes e por todas as fórmas, e entre o furor dos elementos desencadeados contra ella vemos renovado o symbolico somno do Salvador no lago de Genezareth. Inefficazes têem sido até agora as nossas preces para este somno, que se prolonga, talvez por causa dos nossos peccados, e porventura tambem pelos inexcrutaveis designios da Divina Providencia, que quer por esta fórma provar-nos e purificar-nos.

«Homens completamente profanos pozeram na bôcca de um rei estas palavras: «Esperemos o futuro, cujos segredos só Deus conhece.» Pois bem, appliquemos nós tambem essas palavras, dando-lhes uma applicação distincta. Ponhamos tambem a nossa confiança na Providencia que não nos abondonará; indubitavel é a sua intervenção.

«Ignoro o que nos succederá a mim e a vós; não obstante, espero firmemente que alguns de vós assistireis ao termo desta terrivel provação e que vereis triumphante a egreja. Não tratemos de conjecturar vãmente em que época e de que modo se realizará esse triumpho: muitas vezes Deus faz servir aos seus disignios cousas secundarias. Quando as prophecias annunciavam que o Messias nasceria em Belem, o imperador que decretou o celebre recenseamento, que originou a viagem de José e de Maria á referida cidade, estava longe de presumir que fosse mysterio da vontade divina, que por sua intercessão se cumprisse.

«No entanto, pois, preparemos o triumpho da igreja pelo modo indicado por Jesus Christo: *Vigilate et orate.* Vigiemos servindo de exemplo aos mais na pratica das virtudes christãs; vigiemos soffrendo com paciencia os desgarrados, compadecendo-nos dos desgraçados, tractando com caridade até aos inimigos, e oppondo nossas forças ás machinações que por toda a parte nos cercam.

«Oremos tambem assiduamente, pois este é o unico caminho porque podemos obter a graça. O somno de Jesus Christo não será eterno. Virá o dia em que despertará, em que dirigirá a sua voz imperiosa aos ventos e ao mar, e se restabelecerá a bonança, porque a final o triumpho é sempre seu.»

Noticiario

Antiguidades. — Lê-se na *Gazeta de Portugal*: Acabam de ser descobertas em Nadir-Sarape, perto de Tripoli da Syria, objectos que interessam ás pessoas que se occupam de antiguidades biblicas. Feitas algumas escavações, encontrou-se uma casa hebraica tal como era costume construir um ou dois seculos antes de Jesus Christo. Algumas salas estão perfeitamente conservadas com todos os seus utencilios que, na maior parte se parecem com os que tem sido achados no Egypto. Mas o que se torna mais notavel são os livros que indicam ter pertencido a algum homem de lettras. Entre os livros encontram se os de Moysés, os psalmos de David e uma collecção de poesias hebraicas inteiramente desconhecidas dos homens competentes. Estas obras foram mandadas para a sociedade asiatica de Londres.

Em Berlin. — Lê-se no *Jornal do Commercio*: Acabâmos de lêr n'um jornal da capital da Prussia, a narrativa de acontecimentos mui pouco edificantes e ainda menos tranquillisadores. Os excessos praticados durante a noite que precede o dia do anno anterior. O barulho foi sobretudo tempestuoso no centro da cidade, nos bairros mais elegantes e que blasonam de ser os mais distinctos pelo que toca a civilisação moderna. Milhares de individuos de todas as edades e classes tomaram parte nestes excessos; achatavam-se os chapéus, quando lhes não arrombavam as cópas, nas cabeças dos transeuntes, esfarrapavam as sobrecasacas, atacavam e insultavam as mulheres no meio da multidão; obrigavam as carruagens a parar e as pessoas que nellas se achavam eram d'ali arrancadas e brutalmente maltratadas.

A policia encontrou uma tão tenaz resistencia, que teve d'executar cargas regulares á arma branca, para vêr se reduzia á obediencia, ou intimidava, este troço compacto de gente mais ou menos embriagada. Debaixo das *linden* (tilias), que é um famoso passeio publico, a policia a pé não conseguiu restabelecer a ordem. Um forte destacamento de guardas de policia a cavallo viu-se na dura necessidade de carregar a arma branca a multidão tumultuosa, rechaçando-a para fóra da cidade, pela celebre porta de Brandeburgo.

N'um bairro opposto, junto á porta Real, os insensatos começaram a demolir uma casa. A desordem era geral em toda a cidade. Atroavam os ares por toda a parte a gritaria e a algazarra da multidão nas ruas, e a musica extremamente desagradavel dos realejos e outros instrumentos indisciplinados e desafinados, cujos sons saíam das tabernas e bodegas, onde a populaça se entretinha a dançar e a beber para bem acabar e principiar o anno.

Em todas as casas publicas e particulares, em todas as ricas casas burguezas, e sobretudo em todas as lojas maçonicas, a vespera do dia do anno bom é consagrada a festas ruidosas, e principalmente a bailes. E' uma verdadeira sobreexcitação physica e moral, ou antes immoral.

Os excessos d'aquella noite são tão revoltantes, e de uma intensidade tão ameaçadora, que, pela primeira vez, este anno, os jornaes berlinenses, de ordinario tão indulgentes, julgaram necessario elevar a voz contra estes abusos e reproval-os severamente, como sendo um indicio da desmoralisação que vae lavrando.

Commissão do recenseamento. — Foi no domingo, nos paços do concelho a reunião dos quarenta contribuintes, para a nomeação da commissão do recenseamento.

Compareceram 24 contribuintes.

A lista apresentada pelo sr. presidente da camara foi regeitada por 15 votos contra 9, e passando-se á eleição por maioria e minoria ficou assim composta a commissão que deve proceder ao recenseamento dos eleitores para o anno de 1866.

Effectivos

Casimiro Barreto Ferraz.
Luiz Candido Teixeira de Moura.
Bazilio Matheus de Lima.
Francisco Antonio do Valle Guimarães
Antonio Pereira Junior.
João José Pereira de Souza e Sá.
Francisco Manuel Couceiro da Costa.

Segundo a lei, a presidencia pertence ao ultimo eleito, recahindo assim no sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa.

Para substitutos ficaram eleitos os srs.:

João de Moura Coutinho.
Gabriel Lopes de Moraes e Mariz
Picado Leão de Figueiredo Balacó.
Agostinho Fernandes Melicio.
Serafim Antonio de Castro.
Clemente Gomes Pereira de Carvalho
Miguel Ferreira d'Araujo Soares,
Francisco Alves d'Almeida.

A lista dos substitutos foi apresentada pelo sr. presidente da camara, em que todos os coutribuintes accordaram.

Retrato de José Estevão. — Os estudantes do Lyceu que tomaram a seu cargo colocar o retrato do nosso chorado José Estevão no Lyceu, dirigiram-se ao nosso patricio e amigo o sr. Raposo, para se incumbir de mandar pintar o retrato.

Pedem-nos para darmos publicidade

á resposta do sr. Raposo, que é na verdade digna de um verdadeiro patriota, e de um sincero admirador do nome do grande orador.

A sua carta é a seguinte:

—

«Ill.mos srs. Francisco Augusto da Fonseca Regalla e Carlos Faria de Mello.

Recebi com summo prazer a cartas que vv. s.as se dignaram dirigir-me em nome dos estudantes do lyceu d'essa cidade.

Amigo e conterraneo de JOSÉ ESTEVÃO, e um dos mais zelosos respeitadores da sua memoria, não podia deixar d'acceitar com profundo reconhecimento a honrosa missão de que vv. s.as me encarregaram; assim como não posso eximir-me a expressar com a franqueza e singeleza do meu caracter, a satisfação, que sinto neste momento, por ver que a nova geração dos meus conterraneos, que a mocidade estudiosa d'Aveiro, vae ser a primeira a pagar a divida de gratidão e reconhecimento á memoria do homem que tanto trabalhou para o engrandecimento de sua terra natal, empregando a enorme influencia do seu genio, e a immensa auctoridade de sua palavra em dotar a cidade d'Aveiro com todos os beneficios da moderna civilisação.

JOSÉ ESTEVÃO é a maior e mais explendida gloria da cidade d'Aveiro!

Inaugurando o retrato do immortal orador em uma das salas do lyceu, os estudantes de Aveiro, dão á patria garantia segura de que no futuro, quando entrarem na vida publica seguirão os exemplos e praticarão as virtudes do grande cidadão cuja *effigie* vão levantar no centro d'essa officina do progresso e de civilisação, de que vós sois distinctos operarios.

Congratulo-me pois com todos os estudantes do lyceu pela sua lembrança e agradeço á muita benevolencia de vv. s.as o terem-me escolhido para cooperar com o pouquissimo que valho para a realisação de tão nobre intento.

Tenho portanto a dizer que os dois mais notaveis pintores de retratos que há hoje em Lisboa são os srs. Rodrigues e Lupi. O primeiro está tão compromettido com differentes encommendas, que só muito tarde poderia começar o retrato de JOSÉ ESTEVÃO; por isso me dirigi hoje ao segundo, que não obstante pedir-me 15 dias para me pôder asseverar se se encarregaria ou não da obra, me declarou já que o custo do quadro não seria menos de 40 libras e que levaria 2 mezes a fazer.

Pelo merecimento do pintor, reconhecido por todos os entendedores, me responsabiliso eu; pela similhança do retrato não posso responder, e só sim pôr á disposição do artista a melhor e mais perfeita *photographia* que existe de JOSÉ ESTEVÃO, da qual ha só um exemplar em Lisboa de que eu sou o possuidor.

Aguardo as ordens de vv. s.as e peço licença para de hoje em diante me assignar com a mais distincta consideração.

De vv. s.as

amigo compatricio venr. e cr.o

Lisboa, 6 de janeiro de 1866. *José Martins Rapozo.*»

Suspensão.—Foi ha dias suspenso o empregado da secretaria da camara deste concelho, o sr. Manuel Maria da Silveira Godinho Soares de Albergaria. Surprehende a toda gente que tão antigo e fiel empregado recebesse este castigo, e os motivos que o juizo do publico lhe assiga são realmente irrisorios.

Diz-se que o sr. Godinho escrevia ha annos em um logar da secretaria que fica junto de uma janella, e que ultimamente recebera ordem de um dos membros da camara para ir escrever para outro local. O sr. Godinho pediu que o deixassem estar no seu antigo logar, e principalmente que o não mandassem para o que lhe destinavam, por que tinha a apprehensão de que adoeceria se para lá fosse, por ser menos ventilado e sadio.

Parece que d'aqui se originou uma constestação, e que em consequencia d'ella foi suspenso o empregado.

Ha quem boqueije que tudo isto é promovido para dar o logar do sr. Godinho a um novissimo pretendente, e que, sabendo-se que este empregado estimava o seu logar, e tinha repugnancia pelo que ultimamente lhe destinaram, de proposito se procurou pretexto para proceder contra elle.

O que é certo é que o sr. Godinho é um dos homens mais honrados que conhecemos, pertencentes a uma antiga familia desta cidade, venerada por gregos e troyanos, que exerce na camara o seu modesto emprego ha cerca de vinte annos com exemplar pontualidade, e que foi sempre particularmente considerado por todos quantos presidentes tem tido este municipio, e nenhum dos quaes podia admittir a competencia do sr. Manuel Firmino a não ser em alguns desses baixos ardis que hoje, por desgraça nossa, algumas vezes são laureadas nos comicios deste paiz.

Ficamos d'atalaia para examinar o que se seguir deste enredo, cujos fios podem ter sequencias tenebrosas.

Carnes verdes. — Temos com effeito já a carne a 200 réis o kilogramma!

Afinal conseguiu-se uma solução feliz ao problema que a concorrencia do talho do sr. Neves tornava difficultoso de resolver. A camara consentiu que este reabrisse, comtanto que subisse tambem o preço da vacca.

E' assim que as couzas se passaram, segundo se affirma. Deste modo os effeitos se filiam naturalmente nas cauzas ignoradas. E o povo que ainda hontem tinha o talho do sr. Neves como uma garantia da não elevação do preço da carne, vê-os hoje com espanto combinados todos para lhe levarem mais 20 réis em cada kilogramma de carne!

Figura-se-nos que o sr. Neves, no meio de tudo isto, é quem expiará todas as culpas. E tenha paciencia. Agora já não teremos dó de s. s.a. Já tinha tempo para os conhecer....

Mas isso pouco importa na verdade. O que importa é que o pobre povo paga por maior preço um genero de primeira necessidade. O assumpto é sério, por que diz respeito a todos. N'isto não ha parcialidades nem opiniões; ha interesse geral, por que os de um e d'outro lado são igualmente victimados.

Que faz a camara?

Tem a camara já examinado se esta elevação de preço se justifica pelo maior preço do gado? Toda a gente ahi clama que o gado, em logar de subir, desceu em todos os mercados. Então por que se alteia o preço da carne?

Andaram ahi a apregoar-nos as excellencias da concorrencia, e de facto nós queromal-a em tudo. Mas ha deveras concorrencia em Aveiro, no artigo — carnes verdes? Ora isso é que resta examinar. O que nos dão com esse nome é o mais repugnante e absurdo monopolio.

Se os marchantes abusam, com este regimen adoptado, quem ha de refrear-lhes a cobiça? Quem pode competir com elles?

Em outras povoações, costuma a camara, em taes casos, abrir talhos por sua conta. Por que o não faz?

Repetimos: este assumpto é sério. E' preciso olhar para elle com attenção. Trata-se do primeiro artigo da publica alimentação. Desprendam-se de considerações, e cumpram o seu dever

Jury Commercial.—Reuniu-se no domingo no tribunal do commercio para eleger os jurados que tem de funccionar no corrente anno.

Ficaram eleitos os srs:

Effectivos

Bento de Magalhães.
Sebastião de Carvalho e Lima.
Agostinho Pinheiro.
Francisco Thome Marques Gomes.

Substitutos

José Fernandes Melicio.
Bento José de Amorim.

O dedo de Deus! — Fez no domingo um anno que João F. Novo, do logar da Povoa, teve desavenças com um seu visinho, e o matou com um tiro de espingarda. Perseguido pela justiça, homisiou-se, e parece que viveu por algum tempo em Lisboa. Apertaram-o as saudades dos filhinhos, e quiz vir vel-os. Tentou a jornada, e quiz o acaso que enfermado pelo caminho, no mesmo dia em que fazia um anno que commettera o assassinato, chegasse á Povoa, e ahi encontrasse o termo dos seus dias.

Deu-se porém ainda outra circumstancia muito para notar; é que morreu na mesma casa, e á mesma hora em que commetteu o crime!

Deus sabe se a lembrança d'elle provocada por tantas coincidencias lhe amargurou os ultimos momentos e contribuiu para lhe apressar o termo fatal!

Revolução. — Diz-se que o general Prim é esperado em Madrid, apezar d'os telegrammas o darem em retirada para a nossa fronteira.

Diz-se tambem que se acha em Urda, dentro dos montes de Toledo, cinco leguas distante da sua propriedade de Malinillo.

Os soldados que o acompanham, segundo refere a *Correspondencia*, vão desanimados e começam a ser vencidos pela fadiga em consequencia das marchas.

Diz tambem o mesmo jornal que as balas que levam são redondas e pequenas; e que anda na companhia do general um estrangeiro, que foi quem dirigiu o córte da ponte de Fuentiduenas.

Consta que as forças do general Prim se bateram com as do general Concha, e que este fôra derrotado, recolhendo-se a Madrid ferido gravemente.

Cholera. — São considerados limpos os portos de Hespanha desde Gibraltar a Ayamonte.

Por causa da revolução. — Diz-se que foi preso em Madrid o sr. marquez de Salamanca, por haver suspeitas de que elle seja cumplice do general Prim.

Parece que as suspeitas provieram de o sr. marquez de Salamanca ter emprestado 40 cavallos ao general Prim, que lh'os pedíra para fazer uma caçada.

Que caçada!

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 15 de janeiro.

Não ha noticias politicas. As duas casas do parlamento é que nos fornecem assumptos para entretermos a coriosidade dos nossos leitores, quanto á politica interna.

Na sessão de sexta-feira, antes da ordem do dia, usou da palavra o sr. Carneiro para levantar a luva, que diz, lançára ao exercito, o sr. Thomaz Ribeiro, quando este mimoso poeta, fallando sobre a lêi da liberdade d'imprensa, disse, por incidente, que a humanidade caminhava para a paz, e que a força armada ha de se tornar desnecessaria. O sr. Carneiro protestou á face do mundo inteiro contra aquella proposição, por que os factos tanto no passado como no presente desmentiam aquella asseveração do sr. Thomaz Ribeiro.

Quanto a mim o sr. Thomaz disse uma verdade; o exercito é um mal necessario, e serve como garantia do direito; mas como o progresso é indefinido e o *mundo marcha* para a sua perfectibilidade, ha de chegar o tempo, que não posso prever, em que ha de imperar a força do direito independentemente do direito de usar-se da força.

E' uma sentença que está lavrada pela mão do progresso, de que não ha de haver appelação nem aggravo. Entretanto não levamos a mal ao brioso deputado, antes o louvamos pela sua posição de militar, de pugnar pela conservação do exercito e pela sua necessidade, que ninguem nega pelo menos na actualidade.

Passou-se depois á ordem do dia. Subiu á tribuna o sr. Torres e Almeida, deputado intelligente, orador distincto e moço sympathico a todos os respeitos. Combateu a lei discutindo a especialidade della, quando a generalidade é que prendia a attenção da camara. D'entre os oradores que combateram a proposta em discussão, o sr. Torres foi o unico que o fez com muita habilidade.

Não concordamos com as suas apreciações, a não ser quando combateu o § unico do art.o 4.o, que fulmina aquelles que injuriarem a constituição do estado. Regeitamos tambem a doutrina do §. No mais foi fluente e correto.

— Na camara hereditaria entrou em discussão o contrato. Fallou sobre a ordem o sr. Cancelleiros, que proguntou se a companhia estava ou não em estado de cumprir o primeiro contrato, ao que lhe respondeu o sr. ministro da fazenda, que ella nunca declarára ao governo se estava ou não impossibilitada de o cumprir.

Fallou o sr. Margiochi contra a novação. Argumentou com cifras, e foi breve.

Fallou em seguida o sr. visconde de Chancelleiros contra o contrato, produzindo razões já sabidas, de que o encargo era pesado para os cofres publicos.

— Na sessão de sabbado, na camara electiva, ao sr. V. de Castro coube a palavra; o intelligente mancebo defendeu o projecto, respondendo aos argumentos do sr. Torres e Almeida naquelle estylo grandiloquo, que distingue a oratoria de s. ex.a. Acabou o seu discurso fazendo o elogio da fusão de um modo eloquente. Foi feliz na argumentação.

Na camara dos pares fallou o sr. conde d'Avila contra o contrato. Fez elogios á imprensa e á camara dos deputados pela maneira brilhante com que foi tratada a questão da novação. Julgou o assumpto esgotado, e que não fazia mais do que justificar o seu voto. Encarou a questão pelo lado financeiro architectando cifras sobre cifras, que lhe deram em resultado uma somma fabulosa de encargo para o thesouro.

— Sahiu barra em fóra a corveta D. João 1.o levando o governador d'Angola o sr. Conselheiro Cardoso. O nosso amigo o sr. Leite Mendes tambem partiu para a sua commissão de chefe da repartição militar daquella provincia, que fez uma bellissima acquisição, porque a par da probidade, reune o sr. Leite muita intelligencia. Deus lhes dê boa viagem e cheguem ao porto a salvamento.

— Do reino visinho correm muitos boatos, de que vamos pôr ao facto os nossos leitores. Grande movimento pelas ruas de Madrid. O grito do movimento revolucionario não é iberico; querem um governo livre e progressista; querem a constituinte e a regencia. Corre que a rainha déra á luz uma princeza morta. Diz-se em cartas particulares, que se revolucionaram mais dois corpos de cavallaria, dois de infanteria, e um parque d'artilheria. Foram mandadas retirar para Madrid, afim de manterem a tranquilidade publica, as forças de Badajoz.

O governo mandou desarmar 2 corpos por suspeitos. Eis em resumo as noticias que correm. Ha sem duvida uma muralha da China, que nos separa da Hespanha! Parece incrivel que se não saiba d'aquelle paiz com certeza os promenores do movimento e o progresso da revolta, e as medidas do governo em similhante conjunctura!!

— Corre que já foram para Bragança muitas enxergas e mantas para os soldados hespanhoes, que se internaram naquella cidade.

— Foi demittido o sr. Augusto Sebastião Guerra, do logar de cirurgião do partido da camara municipal de Freixo de Espada á Cinta, por ter desemparado a villa assim que ali se manifestou a cholera. Louvamos o governo por tão acertada demissão. O medico que abandona o seu posto no momento em que os seus serviços se tornam mois importantes, e em que elle se devia mostrar mais desvelado na sua missão humanitaria, torna-se indigno de exercer aquelle logar, e quejandos.

— Está gravemente doente o general José Geraldo Passos, par do reino e ministro d'estado honorario.

— Antonio Vieira, soldado do batalhão de veteranos tentou suicidar-se, lançando-se ao Tejo. Creio que não foi por paixão amorosa.

— Consta que o sr. ministro da guerra vae tendo consideraveis melhoras. Deus o queira, e que em breve se restabeleça.

— O *Diario* traz o decreto fazendo mercê do titulo de visconde de Silva Carvalho ao par do reino o sr. João da Silva Carvalho.

O sr. Simão Pedro de Senna Bello, juiz de direito da comarca da Idanha a Nova foi agraciado com o titulo do conselho de S. M. Fidelissima.

— Sabemos que está segura a eleição do sr. conselheiro José Luciano de Castro por Vianna do Minho; s. ex.a tem recebido as maiores provas de deferencia da parte dos membros, que compõem o actual gabinete. Como não ficarão fulos de raiva os invejosos do merito incontestavel d'aquelle cavalheiro! Tenham paciencia.

— Na sessão de hoje continuou a discussão sobre a liberdade de imprensa. Fallou o sr. Carlos Bento, e procurou responder aos argumentos dos defensores do projecto; fallou muito bem e com aquelle salatico que lança nos seus discursos.

Fallou em seguida o decano da imprensa, o sr. Sampaio. Não somos lisongeiros; e por isso diremos que s. ex.a não é orador, falla com difficuldade; mas tratou a questão como mestre, foi claro na argumentação, curando mais de ideias do que de palavras; disse que para elle o Codigo Penal é claro, mas logo que se apresentem os deputados da opposição dizendo que é obscuro, e havendo julgamento em sentido diametralmente opposto e firmado nos mesmos artigos da lei, deseja que o presente projecto seja claro. *Y.*

Annuncios

Na caixa da Direcção do correio d'esta cidade, foi lançada depois das 5 horas da tarde do dia 13 do corrente, uma carta sem sobrescripto algum, e fechada com enveloppe, e com um sêllo de 25 réis afixado no verso do mesmo. — Acha-se por conseguinte retida a mesma carta.

Direcção do correio d'Aveiro, 14 de janeiro de 1866. Pelo Director

Godinho da Silveira.

BANCO UNIÃO DO PORTO

CAPITAL — 5,000 CONTOS

REALISADO 3,000

SEGUROS DE VIDA EM MUTUALIDADE

SOB A PROTECÇÃO DE S. M. EL-REI O SR. D. LUIZ I

NUMERO DE SOCIOS 9,482

CAPIAL SUBSCRIPTO ATÉ 30 DE NOVEMBRO 3,361:375$000

INSCRIPÇÕES COMPRADAS E DEPOSITADAS NA CAIXA FILIAL DO BANCO EM LISBOA 2.130:100$000

A direcção do Banco União tendo obtido do governo de S. M. F. a auctorisação para estabelecer o seguro de vidas em mutualidade, faz publico que desde já toma subscripções annuaes ou por uma só vez debaixo das seguintes condições:

Com perda de capital e lucros:
Dita capital sómente;
Dita lucros sómente;

devendo a primeira liquidação ter logar no 1.o de Janeiro de 1869

As vantagens do emprego de capitaes em mutualidade, são obvias, porque não sómente se colhe o juro de quantias diminutas, de que avulsas se não poderia tirar nenhum resultado, mas além d'isso este rendimento é augmentado pelo capital ou lucros, ou ambas as cousas, conforme as condições da subscripção dos que fallecem. Tambem é repartido pelos socios sobreviventes tudo aquillo que os socios morosos nos seus pagamentos são por este motivo obrigados a pagar, bem como caducidades que occorrerem pela falta do cumprimento do compromisso social.

As liquidações são pelo systema das companhias hespanholas Tutelar e outras; e para se poder fazer uma ideia do que póde produzir uma entrada annual de 10$000 réis, publica-se a seguinte tabella baseada sobre a experiencia de muitos annos de companhias desta natureza.

	Em 5 annos	Em 10 annos	Em 15 annos	Em 20 annos	Em 25 annos
Por um menino de 1 dia a 1 anno	110$000	400$000	900$000	2,000$000	4,700$000
» » de 1 anno a 2 »	90$000	300$000	750$000	1,700$000	3,700$000
» » de 2 » a 3 »	86$000	290$000	720$000	1,600$000	3,500$000
» » de 3 » a 4 »	86$000	280$000	710$000	1,560$000	3,400$000
» » de 4 » a 15 »	86$000	270$000	700$000	1,550$000	3,350$000
» uma pessoa de 15 » a 20 »	86$000	270$000	700$000	1,540$000	3,330$000
» » de 20 » a 30 »	86$000	270$000	710$000	1,560$000	3,400$000
» » de 30 » a 40 »	86$000	270$000	720$000	1,600$000	3,700$000
» » de 40 » a 50 »	90$000	300$000	750$000	1,800$000	5,000$000

Nesta mesma proporção uma entrada unica de

50$000 rs.	deve produzir	em 5 annos	de 140$000	a	180$000 rs.
100$000 rs.	dito	em 10 »	450$000	a	660$000 rs.
150$000 rs.	dito	em 15 »	1:300$000	a	1:680$000 rs.
200$000 rs.	dito	em 20 »	2:800$000	a	3:600$000 rs.
250$000 rs.	dito	em 25 »	6:400$000	a	9:700$000 rs.

Minimo das entradas 5$000 rs.

Porto, 31 de agosto de 1865.

A Direcção do Banco União
José da Silva Machado
F. M. van der Niepoort
José d'Almeida ampos Junior.

As pessoas que quizerem subscrever para tão util estabelecimento ou obter informações sobre o modo e forma de taes transacções, queiram dirigir-se no Porto á direcção do Banco União, no edificio da Bolsa; — em Lisboa á administração da Caixa Filial do mesmo Banco, rua de S. Francisco n.o 41; — e nesta cidade no escriptorio do agente A. D. Pinheiro e Silva Rua dos Mercadores.

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA. — *Typ. do* «**Districto d'Aveiro.**»